

A Atualidade das Razões e dos Ideais de Tamandaré

Arlindo Vianna Filho *

Resumo: Reprodução de palestra proferida pelo autor em 9 de dezembro de 2003, procura demonstrar a atualidade perene dos ideais e dos sentimentos, do saber político e da genialidade estratégica, dos valores éticos, do ânimo patriótico soberano e independente de Tamandaré.

Palavras-chave: Marinha do Brasil, Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré e Patrono da Marinha.

Atendo a um irrecorrível chamamento cívico, do Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, para participar de homenagem ao Patrono da Marinha do Brasil, Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, em justo preito de reconhecimento, de gratidão e respeito por suas contribuições para a independência, união e soberania nacionais.

Com os corações agitados por sentimentos de gratidão e respeito, admiração e reconhecimento, reunimo-nos nesta histórica Casa,¹ onde o passado e o presente se tocam a cada instante.

Aqui a memória nacional, que tem ouvido a história de nossos heróis, não permite que o crepúsculo do passado oculte, em sua neblina, aqueles que construíram a Pátria e traçaram os rumos seguros de nosso futuro, com estoicismo e desprendimento, entusiasmo e amor pátrio, honra e dignidade.

Não tenho a pretensão de, nesta histórica Casa e para este sodalício, predicar História.

Sou, apenas, um homem do mar, um marinheiro que sempre esteve mais à vontade no tijupá, nos conveses de nossos navios e, mesmo, navegando em imersão que em um pódio de orador.

Reconheço, porém, que a Lógica recomenda e adverte que há um imperioso sentido prático em associar-se ações e fatos

* Almirante-de-Esquadra.

¹ Casa de Deodoro na Praça da República, Rio de Janeiro, atual Sede do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

do passado histórico a ensinamentos de experiências vividas para a compreensão de situações atuais e para a construção de cenários prospectivos, que possibilitem a obtenção de êxitos na travessia das sociedades, das nações.

No passado histórico estão, fortes e imperiosos, os valores perenes dos anseios e ideais primeiros, as motivações e os exemplos dos legítimos intérpretes, dos artífices e defensores maiores da autêntica Vontade Nacional.

As razões e os ideais daqueles que, preclaros, construíram nossa união e independência não deixaram de existir. Foram o começo.

Que distâncias poderemos navegar que não estejam contidas na extensão de seus ideais? Que esperanças, que sonhos, que anseios, que horizontes e verdades podem estar além de suas visões?

Eis que encontramos, na vida e no exemplo daquele que homenageamos, a energia da autêntica Vontade Nacional e a corrente indestrutível da unidade e independência de nossa Nação.

O Marquês de Tamandaré foi, seguramente, um intérprete da Vontade Nacional e protagonista da consolidação de nossa Pátria, nossa Nação livre, independente, soberana.

Reconhecimento de profundo simbolismo encontramos ao abrir o Boletim dos

Oficiais de Marinha e deparar, em sua primeira página, iniciando a relação dos oficiais em serviço ativo, o nome do Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré.

É que, tão ativa, profícua e generosa, a vida do Almirante Marquês de Tamandaré, com sua incomparável contribuição para a Marinha e para o Brasil, sempre inspira e estimula, orienta, ancora e municia todas as energias que sustentam o patriotismo dos marinheiros brasileiros. Afinal, Tamandaré

fez inabaláveis a união, a independência e a soberania do Brasil.

Tamandaré, e ninguém mais que ele, percebeu nitidamente o valor do uso dos mares para a independência e unicidade, para a grandeza e soberania brasileiras. Seus valores éticos – hombridade, dignidade e justiça, patriotismo, honra e coragem,

altivez, sinceridade e singeleza – não são princípios ultrapassados, não são costumes do passado: são valores da autêntica sociedade brasileira.

Neste sentido, Tamandaré estará sempre a serviço da Pátria.

Efetivamente, as expressões de saber político, as demonstrações de sensibilidade estratégica, os ideais, as razões e os valores éticos do Almirante Joaquim Marques Lisboa são atuais, perenes e seguras orientações para nossas expectativas, para nossos sonhos e aspirações

No passado histórico estão, fortes e imperiosos, os valores perenes dos anseios e ideais primeiros, as motivações e os exemplos dos legítimos intérpretes, dos artífices e defensores maiores da autêntica Vontade Nacional.

de sociedade justa e nação independente e soberana.

Repetimos insistentemente independência, soberania e patriotismo por ser motivo de orgulho cívico e valores inalienáveis de nossa Sociedade Nacional.

Infelizmente, na atualidade, vivemos tempos nos quais a “esperteza”, a “malandragem” e a “sagacidade” são valorizadas e substituem os princípios éticos; o patriotismo é visto como sentimento ultrapassado; guerrilheiros derrotados de ideologias fracassadas preterem os expedicionários da liberdade e os defensores dos autênticos valores democráticos.

Vivemos tempos nos quais a Bandeira Nacional – “pavilhão da esperança, símbolo augusto da Pátria” – não é reverenciada em data nacional; nos quais se inibe cultivar a memória de brasileiros covardemente assassinados por se oporem a ideologias totalitárias.

Vivemos tristes tempos nos quais as Forças Armadas são menosprezadas.

Vivemos tempos nos quais, em reais sinecuras sustentadas pelo Tesouro Nacional, ex-exilados e pseudo-exilados são privilegiados e distinguidos por ostentar em seus tristes currículos assaltos, seqüestros, assassinatos e atos terroristas. E há insensatos que os chamam de heróis!

É hora de indagar, perplexos e ansiosos: onde a virtude e a honestidade, a dignidade, a hombridade e a coragem moral, onde o patriotismo? Onde a ética, a verdade, a justiça e a honra?

Encontramos, então, na vida e nas ações, nos ideais e nas razões, no exemplo do Almirante Joaquim Marques Lisboa a

força da moral, da dignidade, da honra, da virtude e do civismo, da nobreza de caráter. Marinheiro intemorato, legou a cada um de nós e a todos nós brasileiros razões e motivações para sustentar a saga da grande e soberana Nação brasileira.

Joaquim Marques Lisboa nasceu no dia 13 de dezembro de 1807, em Rio Grande, às margens do generoso canal que liga o mar ao interior, como cordão umbilical que transmite vida ao ser gerado. A torrente do canal lhe indicaria o mar por destino; o oceano lhe imporá o navio por vocação.

Os oceanos, que chamam a si todas as oportunidades, clamaram por aquele menino que crescia à beira-mar, sondando as distâncias à espera de seu navio.

As águas dos mares, em sua imensidão, refletiam seus sonhos e pensamentos.

Quantas vezes sua impaciência juvenil deve ter em seus sonhos navegado!

Na vocação daquele menino, as oportunidades, os horizontes grandiosos e nobres da Pátria que ajudaria a libertar, a unir e manter-se soberana.

É que os homens do mar, em seus navios, propiciam, histórica e efetivamente, descobertas, circulam riquezas, transportam demonstrações de amizade e, não nos esqueçamos, também cobiças, afastam os temerosos e aproximam os diligentes, polinizam cultura, unem as partes em labor incessante, mesmo quando a Terra adormece.

Jovem ainda, atento ao marulhar dos oceanos, atento “ao som do mar” que sugere independência e liberdade, Joaquim Marques Lisboa, em 4 de março de 1823, apresenta-se voluntário Praticante de Pilo-

to na fragata *Niterói*, da Esquadra que consolidaria a Independência – tão jovem quanto a grande Nação, destinado a ser um dos artífices-mores da brasilidade, seguiu o inevitável impulso espontâneo e escolheu a Marinha para servir à Pátria.

Quando os nossos anseios de independência e de unicidade nacional tornaram-se irrecorríveis, o mar foi o caminho natural onde navegaram os navios e os marinheiros que os realizaram.

Abertos os caminhos dos mares, abrem-se os rumos da liberdade e do progresso.

O labor e o patriotismo dos marinheiros brasileiros, inspirados pelos ideais, razões e exemplos de Tamandaré têm sido, a um só tempo, a âncora e a branca superfície vélica; a um só tempo segurança e força impulsora do progresso com dignidade.

A unidade e a soberania da emergente Nação seriam ameaçadas por equívocos de opiniões e por mesquinhas ambições, da Guerra da Independência à Campanha do Prata, das sedições internas à Guerra da Tríplice Aliança.

O Tenente Marques Lisboa, na Campanha do Prata, teve seu primeiro comando no mar, a escuna *Constança*. Logo depois, o comando da escuna *Bela Maria*, da Divisão Naval que, sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra João

Antônio de Oliveira Botas, bloqueava o Rio Salado.

É fato histórico desta campanha, digno de recordar: aproveitando-se do denso nevoeiro, o brigue-escuna argentino *Ocho de Febrero* tentou furar o bloqueio. Comandava-o a bravura e a galhardia de um dos mais brilhantes oficiais da Armada argentina – Tomás Domingos Espora.

Em duelo de nobres, engajaram-se em combate a escuna *Bela Maria* e o brigue-escuna *Ocho de Febrero*.

Canhonearam-se durante dez horas!

Mais de cinco disparos por minuto!

Esgotada a munição, impossível prolongar a resistência, Tomás Espora rende-se dignamente e, com emoção, apresenta-se ao Primeiro-Tenente Marques Lisboa, comandante da *Bela Maria*. Estende as mãos, entregando a espada ao vencedor.²

Compreendendo a dura emoção do leal adversário, respeitando a dor que a derrota provoca nos corações briosos, Marques Lisboa, nobre cavaleiro-marinheiro, inspirado pela sensibilidade dos homens do mar, permite-lhe conservar a espada.

Compreendendo a dura emoção do leal adversário, respeitando a dor que a derrota provoca nos corações briosos, Marques Lisboa, nobre cavaleiro-marinheiro, inspirado pela sensibilidade dos homens do mar, permite-lhe conservar a espada.

(...) os homens do mar, em seus navios, propiciam, histórica e efetivamente, descobertas, circulam riquezas, transportam demonstrações de amizade e, não nos esqueçamos, também cobiças, afastam os temerosos e aproximam os diligentes, polinizam cultura, unem as partes em labor incessante, mesmo quando a Terra adormece.

2 Um poeta popular da época em que os fatos históricos eram inspiração, versejou:
"Orça a nave de pano desfraldado,
Rompendo fogo com os canhões de proa.
Espora, com seu brigue destruído,
Entrega-se ao audaz Marques Lisboa."

Na seqüência histórica, a paz e o progresso de Recife entibiaram-se com quarteladas. A Setembrizada, em 1831, e a Abri-lada, no ano seguinte, foram contidas com a contribuição de ações, que hoje seriam caracterizadas como “projeção do poder naval em terra”, lideradas pelo Primeiro-Tenente Joaquim Marques Lisboa, comandante da escuna *Rio da Prata*.

Do mar também seria contida a Cabanada – o Tenente Marques Lisboa no comando do brigue *Cacique*.

Por duas vezes o Capitão-Tenente Marques Lisboa combateria os sediciosos da Sabinada, derrotando-os em Monteserrate.

Quando a Balaiada foi reconhecida como grave ameaça à unidade nacional, o Capitão-de-Fragata Joaquim Marques Lisboa, comandante do brigue *Três de Maio*, foi nomeado Comandante das Forças Navais em Operações na Província do Maranhão. Foi, no mar e em ações típicas de operações anfíbias, segurança para o pacificador do Maranhão, Coronel Luiz Alves de Lima e Silva.

Prossegue a heróica travessia.

O Capitão-de-Mar-e-Guerra Marques Lisboa recebera na Inglaterra a fragata *D. Afonso*, logo digna do respeito mundial pelo socorro, sob grandes riscos, dos naufragos do *Ocean Monarch*.³

Na travessia para o Brasil, o destino do comandante da *D. Afonso* faria com que aportasse no Recife, onde a ação dos ma-

rinheiros, liderados por Marques Lisboa, seria decisiva para sufocar a Praieira.

A soberania seria ameaçada. Antagonismos estranhos desafiariam a lógica intenção de crescer juntos.

Aos navios, nas águas dos mares e dos rios, caberia transportar a exemplar motivação de progresso comum.

A intervenção na Banda Oriental teria que ser realizada. A força foi chamada para substituir os nobres argumentos que não convenciam os obstinados. Distinguido com título nobiliárquico, o Vice-Almirante Barão de Tamandaré,⁴ estadista, dialoga com saber político. Não ouvidos seus argumentos, reconhece, em suas palavras, que “pela honra nacional já não era possível, conveniente nem decoroso deixar de cumprir o indeclinável dever da Pátria em defesa de seus cidadãos”.

Estrategista, desenvolve ações navais, do bloqueio à tomada a viva força de Salto e Paissandu.⁵

3 O mesmo poeta também se inspirou no socorro aos naufragos do *Ocean Monarch*:

“O Monarca do Oceano se esboroa
No incêndio em pleno mar desencadeado.
O nosso Capitão sobre ele aproa,
Indo salvar vidas no Oceano irado.”

4 D. Pedro II, ao outorgar título nobiliárquico ao Almirante Marques Lisboa, lembrou-se que ele, como comandante da Força Naval que o conduzira ao Nordeste, solicitara permissão para transladar a bordo os restos mortais do irmão, major republicano morto em Tamandaré, Pernambuco, em combate contra a Monarquia.

O topônimo Tamandaré é vocábulo de origem indígena. A coincidência com a vida de nosso herói é dos predestinados: na lenda de nossos silvícolas, Tamandaré é “o guerreiro sobrenatural que chegou com o dilúvio, que veio com as águas”.

5 Sobre o bloqueio naval, com sabedoria e dignidade, Tamandaré observara: “Pelos princípios absolutos dos Direitos das Gentes, sei bem que o bloqueio é um perfeito ato de guerra; mas os precedentes da França, Inglaterra e Rússia em 1838, na Turquia, pela França, somente, no México, pela França e Inglaterra, ora separados, ora reunidos, no Rio da Prata, nos autorizam também a empregá-lo como um meio coercitivo, como uma ameaça agravada. Se o Governo Imperial entender que não obrei

Segue a heróica travessia.

Os brasileiros tiveram que se defender contra as hostilidades de Solano López. O comandante-em-chefe da Força Naval do Brasil no Rio da Prata, Visconde de Tamandaré, formalizou, em 3 de março de 1865, o Plano de Campanha para a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Tal documento histórico, mantido no Arquivo Nacional, constitui inestimável lição sobre Política, Estratégia, Logística, Liderança, Planejamento Militar, Operações Combinadas de Forças Armadas.

Hoje, com profundidade científica e lógica racional, ao buscar na História brasileira os mais confiáveis ensinamentos para ancorar concepções e conceitos político-estratégicos e administrativos, coerentes com a realidade brasileira e cenários prospectivos, destaca-se a coordenação sistêmica das Forças terrestres e navais preconizada e adotada com êxito por Tamandaré, clarividente gênio estratégico.

A História tem demonstrado e o desenvolvimento das ciências, das tecnologias e das metodologias esclarecem que a eficácia e a eficiência da condução de atividades complexas, como as das Forças Armadas, são decorrentes de coordenação sistêmica de conceitos que orientem o planejamento e a realização de ações sinérgicas.

Com o passar dos tempos, nada se torna cada vez mais anacrônico que a centralização administrativa (muitas vezes preconceituosa) de Forças Armadas, com suas

decorrências perversas político-estratégicas, econômico-financeiras, administrativas, militares e, mesmo, emasculadoras da Sociedade Nacional.

Seguramente, o pensamento político-estratégico militar contemporâneo encontra nos conceitos estratégicos e logísticos desenvolvidos por Tamandaré, da consolidação da Independência à defesa da Soberania, uma das mais valiosas lições da Arte da Guerra.

Em síntese, a eficácia das Forças Armadas é função da coordenação sistêmica de seus conceitos de emprego e sinergia planejada de suas ações; a Logística interage com a Estratégia e a Tática; a guerra não é somente fogo e sangue, embate moral da dignidade nacional, munícia-se de direitos e deveres cívico-sociais, de vontades, de renúncias pessoais, de sentimentos e nas razões, na inspiração e na hombridade, na honra e na liderança daqueles que motivam as formidáveis energias do patriotismo.

Joaquim Marques Lisboa, Almirante Marquês de Tamandaré. Ninguém mais que ele motivou e inspira as formidáveis energias do patriotismo.

Um dia, menino ainda, partiu, cheio de sonhos, anseios e ideais, de sua pequena ribeira natal para participar da realização de todos os sagrados valores daquela que seria a vigorosa Nação brasileira.

Escolheu os caminhos do mar. A multiplicidade das vias marítimas e os horizontes oceânicos sugeriam as ilimitadas possibilidades da jovem Nação.

Um ideal incontível habitava o seu pensar: navegar, unir, crescer livre e independente.

em regra, seguindo este procedimento, está perfeitamente livre para desaprová-lo; porque fiz esta notificação de modo a deixar-lhe salva toda responsabilidade, mas eu creio que consultei com ele a dignidade nacional."

Utilizou-se dos navios para servir-se das oportunidades que os mares oferecem aos fortes, bravos e diligentes. Aproximou e uniu as partes do grande todo. Levou resolutamente a navegar, nos conveses viris de seus navios, mensagens de Honra, de união, de soberania e de independência, de justiça e paz.

Evidente que sua saga lhe custou desmedidos esforços, renúncias e frustrações; sacrifícios e aflições. Também vigor e coragem, força física e moral,⁶ ventura e desprendimentos; amor e patriotismo.

A alma forte do Almirante Marquês de Tamandaré foi mais que uma exigência da vida no mar, foi mais que o espírito forjado nas lides navais rudes e enobrecedoras. É a própria alma indomável dos navios, sempre em busca do futuro, do horizonte inatingível, inconformada com espias que, inutilmente, querem impedir seus movimentos.

6 Tamandaré, além de forte de caráter, era forte fisicamente e excelente nadador. No Rio Pará, socorreu o Tenente Barroso, futuro herói de Riachuelo. No Rio de Janeiro, então chefe-de-divisão, salvou dois escravos, náufragos de uma canoa que afundara na Praia de Santa Luzia. Tendo recebido insistentes pedidos do senhor dos escravos para aceitar os escravos, aceitou-os e, imediatamente, os libertou. Aos 72 anos de idade, acompanhando D. Pedro II em visita ao Arsenal de Marinha, socorreu o imperador que caiu n'água. Um trovador popular registrou em versos:

“Sua Majestade, no Arsenal,
Caiu n'água, foi ao fundo.
E todos os peixes gritaram:
Viva D. Pedro Segundo!

Logo, rápido como um peixe,
Não o deixou cair a ré,
Do pouco esperado banho,
Salvou-o Tamandaré.

Joaquim Marques Lisboa, Almirante Marquês de Tamandaré, sempre estará a serviço da Pátria.

Permitam dirigir-me diretamente aos marinheiros e lembrar-lhes orientação preclara de nosso Patrono.

Quando aspirantes a guardas-marinhas faziam visitas de respeito e reconhecimento cívico ao grande almirante, Juiz do Conselho Superior Militar de Justiça, ouviam dele conselhos que estarão sempre a motivar os marinheiros brasileiros, a nos motivar:

“Honre a família e mantenha seu nome no apreço mais elevado.”

“Se for injusto, seja por ter perdoado, nunca por ter castigado.”

“Honre sua Pátria, defenda-a em qualquer terreno, em qualquer ocasião e sem vacilações.”

E exorto aos prezados Presidente, Coronel Luiz Paulo Macedo Carvalho, Vice-Presidente, Almirante Hélio Leôncio Martins e aos confrades do valoroso Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, guardiães do mais sagrado e digno que a História Pátria reclama preservar: *Macte animo: sic itur astra*. Mantenham o ânimo com coragem e patriotismo; assim se chega aos astros, à vitória.

Um só rumo, a honra; um só norte, a Pátria.

Brasileiros, tripulamos a nave forte e resoluta que Tamandaré pôs a navegar, conduzindo o nosso entusiasmo e a nossa esperança, as nossas dignidade e honra e nosso patriotismo.

Tudo pela Pátria!

